



**SABERES, AFAZERES E CRENÇAS DE MULHERES BENZEDEIRAS: uma
revisão sistemática da produção científica recente**

**THE KNOWLEDGE, DOINGS AND BELIEFS OF WOMEN HEALERS: a
systematic review of recent scientific production**

**EL CONOCIMIENTO, HACER Y CREENCIAS DE LAS MUJERES
SANADORAS: una revisión sistemática de la producción científica
reciente**

**Daniel Luciano Gevehr¹, Amanda Scalcon Bitencourt² & Carlos
Fernando Jung³**

Resumo: Atualmente a sociedade está vivendo em um período histórico no qual a emergência dos

¹ Daniel Luciano Gevehr é professor do PPG em Desenvolvimento Regional; pós-doutor em História pela PUCRS; Líder do GP (CNPq) Instituições, Ordenamento Territorial e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1815-4457>. Email: danielgevehr@faccat.br.

² Amanda Scalcon Bitencourt é professora da Rede Estadual de Ensino do RS; Mestranda e Bolsista CAPES do PPG em Desenvolvimento Regional das Fac. Integ. de Taquara; Membro do GP (CNPq) Instituições, Ordenamento Territorial e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0267-1556> Email: amandabitencourt@sou.faccat.br.

³ Carlos Fernando Jung é professor do PPG em Desenvolvimento Regional das Fac. Integ. de Taquara; pós-doutor em Engenharia de Produção pela UFRGS. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6317-8338>. Email: jung@faccat.br.

estudos culturais tem dado cada vez mais visibilidade às pesquisas relacionadas às questões de gênero e de identidade étnica. A revisão sistemática da literatura proposta nesse estudo tem como objetivo analisar as principais produções que discutem a importância do patrimônio cultural imaterial, as práticas de benzedura como fundamentais para a valorização desse tipo de patrimônio e, ainda, sobre as mulheres benzedoras enquanto personagens principais para manter vivas essas práticas culturais. Para tanto, foram selecionadas 32 publicações das plataformas Capes, Scielo e Google Acadêmico, através das quais foi possível constatar que as práticas de benzeduras ocorrem pelos mais diversos estados brasileiros, porém, em sua maioria nas regiões norte e nordeste do Brasil. Concluiu-se também que a maior parte das práticas de benzimentos é exercida por mulheres, o que dá visibilidade às mulheres no campo das práticas de benzeduras, além de inseri-las como protagonistas de um conjunto de saberes e fazeres cada vez mais invisibilizados na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Mulheres – patrimônio imaterial – oralidade – benzedoras – crenças.

Abstract: Today society is living in a historical period in which the emergence of cultural studies has given more and more visibility to research related to issues of gender and ethnic identity. The systematic review of the literature proposed in this study aims to analyze the main productions that discuss the importance of intangible cultural heritage, the practices of faith healing as fundamental to the appreciation of this type of heritage, and also about women faith healers as the main characters to maintain alive these cultural practices. For this purpose, 32 publications from the Capes, Scielo and Google Academic platforms were selected, through which it was possible to verify that the practices of blessings occur in the most diverse Brazilian states, but mostly in the north and northeast regions of Brazil. It was also concluded that most of the practices of blessings are exercised by women, which gives visibility to women in the field of practices of blessings, in addition to inserting them as protagonists of a set of knowledge and practices increasingly invisible in society contemporary.

48

Keywords: Women – intangible heritage – orality – faith healers – beliefs.

Resumen: Actualmente, la sociedad vive un período histórico en el que el surgimiento de los estudios culturales ha dado cada vez más visibilidad a las investigaciones relacionadas con cuestiones de género e identidad étnica. La revisión sistemática de la literatura propuesta en este estudio tiene como objetivo analizar las principales producciones que discuten la importancia del patrimonio cultural inmaterial, las prácticas de la curación por la fe como fundamentales para la apreciación de este tipo de patrimonio, y también sobre las mujeres curanderas como principal personajes para mantener vivas estas prácticas culturales. Para ello, se seleccionaron 32 publicaciones de las plataformas Capes, Scielo y Google Academic, a través de las cuales se pudo constatar que las prácticas de bendiciones ocurren en los más diversos estados brasileños, pero mayoritariamente en las regiones norte y noreste de Brasil. También se concluyó que la mayoría

de las prácticas de bendiciones son ejercidas por mujeres, lo que da visibilidad a las mujeres en el campo de las prácticas de bendiciones, además de insertarlas como protagonistas de un conjunto de saberes y prácticas cada vez más invisibles en la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Mujeres - herencia inmaterial - oralidad - curanderos - creencias.

1 INTRODUÇÃO

É papel fundamental do historiador mostrar diferentes maneiras de ver as mais distintas situações do cotidiano e acontecimentos do passado. Em seu ofício é preciso uma perspectiva crítica, pois isto é indispensável para compreender a História, que tem como uma de suas principais funções mostrar a trajetória da humanidade, contribuindo para que o registro de determinados valores, tradições e crenças não desapareçam no tempo.

Iniciando a discussão sobre o objeto da pesquisa, se faz necessário destacar que, durante um longo período, as mulheres viviam longe do espaço público social, “o único que, por muito tempo merecia interesse e relato” (PERROT, 2007, p. 16), passavam seus dias, dentro de casa, cuidando dos afazeres domésticos e da família, desta forma não eram vistas pela sociedade e, portanto, não precisavam ser citadas, estavam “destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução” (PERROT, 2007, p. 16).

Segundo Santos (2009), as rezadeiras, benzedoras ou até mesmo curandeiras, são mulheres que realizam as benzeduras em busca de curar o indivíduo doente de alguma enfermidade, e para executar esta prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, utilizando “súplicas” e “rezas”, que tem o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. É interessante perceber que a prática da reza é bastante realizada por mulheres, porém, também existem homens que realizam a mesma.

Gomes & Pereira (1989, p. 24) abordam que “devemos ter em mente o fato de que a benzedura é uma prática popular de cura que utiliza uma linguagem específica, tanto oral quanto gestual, com o objetivo de não apenas curar, mas libertar o paciente do mal que o aflige [...]”.

Heberlê (2013) menciona que o saber ou a sabedoria popular atinge todas as regiões do Brasil e nela se engloba uma imensidade de conhecimentos apurados na vida. O aprendizado desses saberes passa de geração em geração e tais conhecimentos não necessitam de uma educação formal ou de escolas instituídas, elas se incitam em seu próprio fazer e refazer.

Desta forma, a pesquisa procura percorrer parte da produção científica que analisa parte da trajetória destas práticas, permitindo, com isso, o aprofundando do debate – especialmente a partir de estudos que se valem dos registros da oralidade – sobre os processos que caracterizam estas práticas culturais. Através dessa discussão, buscamos relacionar as categorias de gênero, etnia e religião, para termos uma maior e melhor compreensão de como estas práticas de benzedura eram realizadas e os reais sentidos que produzem entre os adeptos a receber e entre as pessoas que realizam o benzimento.

Quando falamos sobre benzimentos, na maioria das vezes acabamos relacionando o tema a questões religiosas e também com a medicina alternativa, ou seja, é bastante incomum pensar no benzimento, e nas benzedadeiras, como fator cultural, econômico, social e mais difícil ainda visualizá-las como portadoras de uma memória e de uma história, assim permitindo com que elas possam identificar-se e afirmar-se enquanto benzedadeiras, para que assim possam defender a sua tradição.

Nesse contexto, Le Goff (1996) nos afirma que estamos quase todos convencidos de que a história não é uma ciência como as outras – sem contar com aqueles que não a consideram uma ciência. Falar de história não é fácil, mas estas dificuldades de linguagem introduzem-nos no próprio âmago das ambiguidades da história. Nessa perspectiva, a história das benzedadeiras, permeadas de perseguições, preconceitos, aceitação, reconhecimentos, pobreza, religião e crença, que ao serem contextualizadas com o processo de urbanização e industrialização dos municípios e com as imigrações e migrações decorrentes de tal processo, explicitam interações entre a cultura do campo e a cultura da cidade, da mão de obra migrante e da elite urbana, da medicina popular e da medicina erudita, da religiosidade popular e da religião institucionalizada, constituindo um processo dinâmico e complexo de trocas culturais.

Quando pensamos e estudamos sobre as benzedadeiras, que detém um conhecimento tradicional, transmitido de geração em geração, devemos valorizar os fatores de identificação, os quais estão enraizados em seus elementos culturais,

assim as determinando como benzedoras. Dentre inúmeros fatores, o mais importante são as memórias que possuem e que estão diretamente relacionadas com sua história, uma história de lutas e resistências. Essas memórias trazem a possibilidade para que estas mulheres e a cultura da qual fazem parte, possam sair da invisibilidade, conseguindo o reconhecimento social e a formalidade, pelos quais lutam há anos.

2 PROCEDIMENTOS metodológicos

Este artigo de revisão sistemática faz parte de uma investigação que tem como objetivo compreender o papel desempenhado pelas mulheres benzedoras e suas práticas, saberes, memórias e especialmente como parte do patrimônio cultural imaterial. Para tanto, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão na seleção do material utilizado para sua construção: 1) publicações a partir de 1995 até o presente momento; 2) existência de referências às questões de gênero; 3) existência de referências ao patrimônio cultural oral e imaterial; 4) produção científica; 5) vínculo às plataformas Capes, Scielo e Google Acadêmico; 6) publicações em português, inglês ou espanhol.

51

Em um primeiro momento, foram encontrados cerca de 120 trabalhos que foram analisados criteriosamente assim restando 32 publicações para a realização desta revisão sistemática.

Partindo da leitura dos artigos selecionados, foi construída uma planilha para organização dos seguintes dados: 1) título; 2) autores; 3) periódico; 4) palavras-chave; 5) estados ou região; 6) crença religiosa; 7) tipos de benzedura; 8) diferença entre práticas de benzedura, curandeirismo e reza; 9) participação das mulheres para a valorização das práticas de benzeduras como patrimônio cultural imaterial.

Após a organização dos dados selecionados, foi possível relacionar os elementos trazidos pelos autores com a temática do presente artigo. Sendo assim, os aspectos apresentados serão: 1) estados que apresentam maiores índices das práticas de benzimento; 2) a valorização do patrimônio histórico e cultural através das práticas de benzeduras; 3) o benzimento como patrimônio cultural imaterial e método de promoção de saúde; 4) a participação feminina e a construção da sua identidade através das suas práticas.

Para facilitar a visualização dos resultados, foram construídos gráficos e quadro contendo o ano da publicação, as origens das publicações e a área de publicação.

3 RESULTADOS

O Quadro 1 apresenta uma síntese cronológica das publicações utilizadas para a revisão da literatura e seus respectivos autores. Esse quadro relaciona o país de origem de cada pesquisa à área de publicação.

Quadro 1 – Síntese das publicações acadêmicas

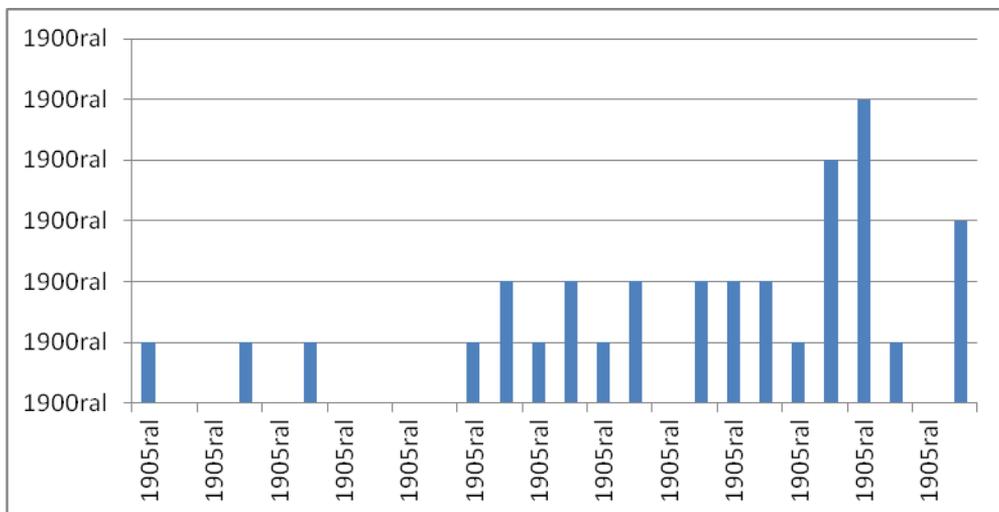
Ano	Autor	País	Área de Publicação
1995	SANTOS, M. G; DIAS, A. G. P; MARTINS, M. M.	BRASIL	Saúde Pública
1998	DICKIE, M. A. S.	BRASIL	História e Gênero
2000	SOIHET, R; SOARES, R. M.A; COSTA, S.G.	BRASIL	Gênero
2005	ZORDAN, P. B. M. B. G.	BRASIL	Gênero
2006	MACIEL, M. R. A; NETO, G. G.	BRASIL	Ciências Sociais
2006	OLIVEIRA, O; PADILHA, M. A.	BRASIL	História
2007	KULKAMP, I. C; BURIN, G. D; SOUZA, M. H. M; SILVA, P; PIOVEZAN, A. P.	BRASIL	Medicina
2008	NETO, J. F. R; FIGUEIREDO, M. F. S; FARIA, A. A. S; FAGUNDES, M.	BRASIL	Medicina
2008	LUCAS, S. M. M.	BRASIL	Patrimônio Cultural
2009	NETO, J. F. R; FIGUEIREDO, M. F. S; FARIA, A. A. S; FAGUNDES, M	BRASIL	Medicina
2010	CRUZ, T. A.	BRASIL	Gênero e Meio Ambiente
2010	SOUSA, F. R. B.	BRASIL	História e Memória
2012	SILVA, V. A. G.	BRASIL	História e Gênero
2012	SILVA, J. S; SANTOS, M. P.	BRASIL	Ciências Sociais

2013	MEDEIROS, R. E. G; NASCIMENTO, E. G. C; DINIZ, G. M. D; ALCHIERI, J. C.	BRASIL	Saúde Pública
2013	NASCIMENTO, D. G; AYALA, M. I. N.	BRASIL	História Oral
2014	SOUSA, R. F. B.	BRASIL	História e Memória
2014	RUBERT, G. C. M.	BRASIL	Religiosidade
2015	DIOTTO, N; DECKERT, J. F; OLIVEIRA, P; SELL, C. L; SOUTO, R. B.	BRASIL	Educação
2016	JUNIOR, A. G; GERONE, A; GERONE, L. G. T; GERONE, T. C. L. A.	BRASIL	Religiosidade
2016	AZEVEDO, G. X.	BRASIL	Cultura
2016	BRITO, M. N. C.	BRASIL	Gênero
2016	STADLER, S. T; FUJINAGA, C. I.	BRASIL	Saúde Pública
2017	GEWEHR, R. B; BAËTA, J; GOMES, E; TAVARES, R.	BRASIL	Psicologia
2017	MENDES, D. S; CAVAS, C. S. T.	BRASIL	Interações Culturais
2017	ANDRADE, D. G. N; FILHO, A. R. S.	BRASIL	Patrimônio
2017	GONÇALVES, W. F; OLIVEIRA. O.	BRASIL	Interações Culturais
2017	MARIN, R. C; COMIN, F. S.	BRASIL	Psicologia
2018	DINIZ, E. E. C. S; DINIZ, E. C. S.	BRASIL	Educação
2020	DOMINGUES, M. E. S; CHIYAYA, J. J; VIELMOND, C. L. B; PUCHIVAILO, M. C.	BRASIL	Multidisciplinar
2020	REIS, M. V; CARGNELUTTI, C. M.	BRASIL	Gênero e História
2020	GOMES, T. P. S; WHITAKER, D. C. A; FERRANTE, V. L. S. B.	BRASIL	Multidisciplinar

Fonte: autoria própria (2021)

Observa-se, na Figura 1, que a partir de 2012, até os dias atuais, houve um crescente interesse pelo estudo desta temática, com exceção dos anos de 1994 a 1997, 2001 a 2004, 2011 e 2019, nos quais não foram encontradas publicações que estivessem de acordo com os objetivos do trabalho. Assim estando a maior parte das publicações concentradas nos anos de 2010 a 2020 (31,25%).

Figura 1 - Número de publicações por ano

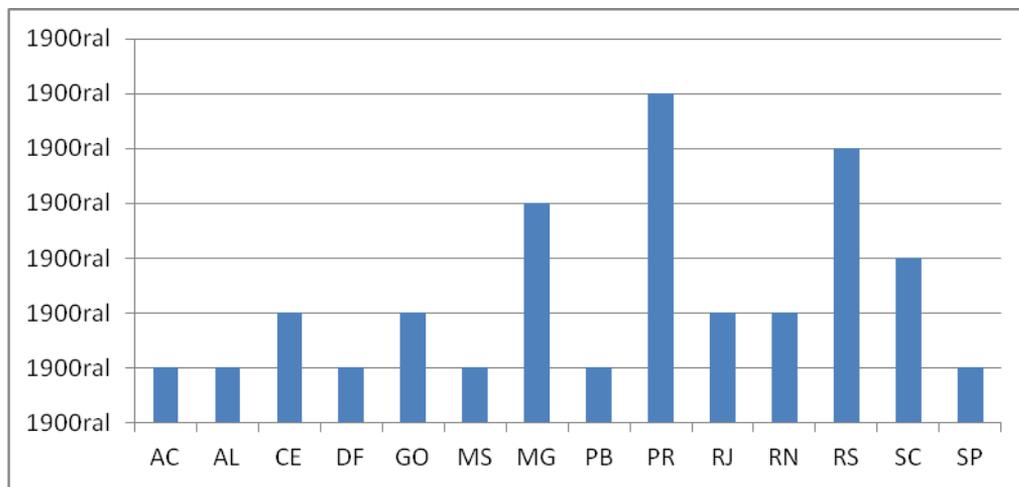


Fonte: autoria própria (2021)

A Figura 2 demonstra que no Brasil há uma intensa atividade de pesquisa relacionada ao tema 100% dos artigos selecionados são brasileiros, já os artigos publicados no exterior abordavam sobre curandeirismo, o que os levou a serem descartados. Observa-se que há interesse em pesquisar sobre esta temática (BENZEDEIRAS) em diversos estados do Brasil.

54

Figura 2 - Número de publicações por estado brasileiro



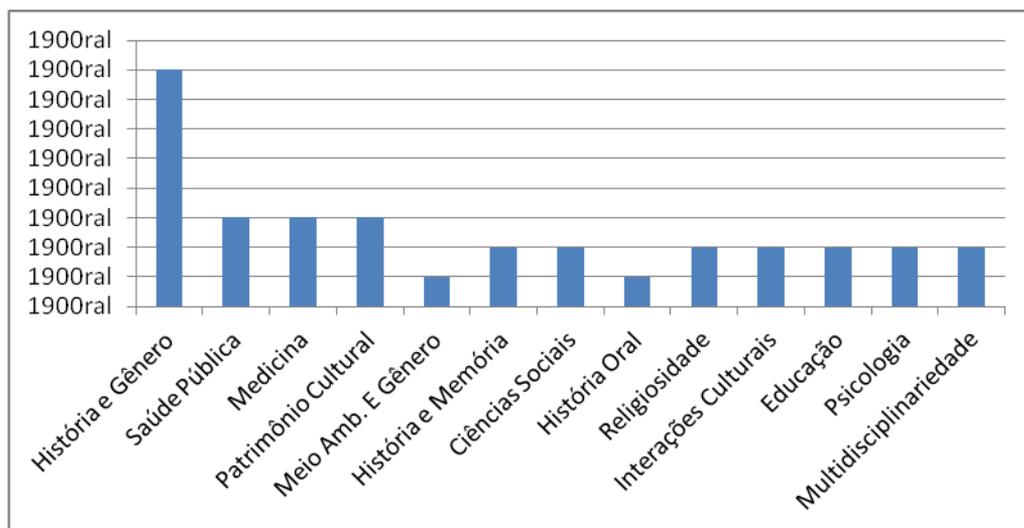
nte: autoria própria (2021)

Fo

Conforme demonstrado anteriormente na Figura 2, das 32 publicações brasileiras, destaca-se que 43,8% foram realizadas na região Sul, estando a maior parte concentrada no estado do Paraná. Na região Sudeste também há intensa atividade de pesquisa referente a esta temática, pois a região concentra 22% das publicações. As regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte possuem, respectivamente, 15,7%, 13,5% e 5% das publicações.

Dando continuidade, pode ser observado na Figura 3, que as publicações foram mais intensamente realizadas por periódicos da área de História e Gênero, porém ocorreram publicações em outros periódicos específicos sobre: Saúde Pública; Medicina; Patrimônio Cultural; Gênero e Meio ambiente; Memória; Ciências Sociais; História Oral; Religiosidade; Cultura; Patrimônio material e imaterial; Interações Culturais; Educação; Psicologia e Multidisciplinariedade, denotando assim um grande interesse e preocupação em relação às pesquisas sobre benzedeadas entre as mais diversas áreas de estudos.

Figura 3 - Número de publicações por área de publicação



Fonte: autoria própria (2021)

4 ANÁLISE E discussão

Através da análise dos artigos selecionados, podemos destacar que vários autores registram a presença de benzedores, os mesmos estão espalhados nas mais diversas regiões brasileiras, entre os quais são citados os trabalhos realizados no Nordeste, no interior e litoral paulista, na região Sul e Sudeste brasileira e em algumas localidades do território amazônico.

Para Posey (1977), o maior problema que qualquer investigador defronta ao lidar com outras culturas é impor suas próprias ideias e categorias culturais a seus informantes ou consultores culturais, como descrença, desagrado e reprovação. Este autor nos traz um alerta para que os pesquisadores tenham o cuidado em observar a qualidade e não apenas a quantidade de dados, assim apontando a desvantagem dos pesquisadores em campo, quando estes já trazem suas hipóteses de pesquisas formuladas, em que conceitos etnocêntricos podem estar inseridos.

De acordo com Loureiro (1995), o ser humano concebe sua vida e suas experiências a partir de sua cultura, assim sendo da maneira que o meio em que nasceu e viveu o concebeu. Tudo o que é, pensa, fala, sente, cria, questiona ou transforma está inerentemente imerso e relacionado à sua cultura. Portanto, cultura não se resume a costumes, lendas, tradições e folclore. Cultura é, portanto, tudo isso e muito mais e é desta forma que a religião constitui-se como parte integrante da cultura.

Em síntese, Freire (2000) destaca que a cultura pode ser compreendida como tudo o que é criado e vivido pelo homem inserido em seu habitat. Com isso, podemos afirmar que a cultura compreende diversos aspectos da vida em sociedade dos sujeitos, assim podendo ser percebida como o resultado do seu trabalho.

Partindo da linha de raciocínio sobre o que é cultura e suas principais formas de manifestação, chegamos até a oralidade e a História Oral.

Thompson (1978) nos destaca que a História Oral é uma prática transformadora que dá de volta ao povo à história em suas próprias palavras, o que é criticado por Debert (1986), o qual subestima a inserção das camadas populares nas relações de poder, ou seja, o mesmo acredita que através da História Oral a população terá uma maior participação social, o que para Debert não é visto como algo positivo. Já Le Goff (1996), nos lembra que a memória, com o intuito de conservação de certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto

de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões de informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Passados séculos do fim da Inquisição, as benzedeadas ainda sofrem grande discriminação, sendo tratadas como se estivessem ligadas diretamente aos males da sociedade, como se não tivessem valor nenhum, não agregando benefícios a sociedade a qual estão inseridas e nada representassem. Em pleno século XXI este ofício tradicional de cura ainda é marginalizado, mas mesmo com tanta repressão continua buscando e encontrando forças para resistir e preservar a sua cultura, a qual é de grande importância cultural.

A autora Laura de Mello e Sousa, por sua vez, em sua obra intitulada “O Diabo e a Terra de Santa Cruz”, em diversas passagens, evidencia a perseguição sofrida por esses curandeiros e feiticeiros no Brasil, especialmente no período colonial. A religiosidade popular no Brasil teve crescimento considerável ao decorrer do século XVIII, ampliando seus horizontes com traços católicos, africanos, indígenas e judaicos, assim tendo um aumento do número de curandeiros, rezadores e benzedores, os quais, fazendo uso de suas palavras mágicas e santas, buscavam por aplacar os males dos homens, curando doentes e afastando o mau olhado⁴.

57

Sendo utilizado na Europa desde a Idade Média, o benzimento pode ser considerado uma das formas mais antigas no tratamento de várias doenças. Já no Brasil, os benzedores surgem em meados do século XVII. Atuando de forma intermediária entre o sagrado e o ser humano, assim conservando os rituais de preces, cruz e fórmulas, fazendo interpretações dos conhecimentos, usos dos recursos vegetais e maneios tradicionais realizados por eles, tornou-se, assim, com o passar dos anos, fonte de pesquisa nos estudos etnobotânicos, históricos, culturais, de patrimônio e de gênero.

Partindo destas análises podemos dividir as benzedeadas e suas práticas em dois contextos, como sendo medicina popular e também como cultura popular, sendo vistas de forma distintas por quem realiza pesquisas no que diz respeito às benzedeadas e suas práticas.

⁴ Mau olhado é uma crença de que a inveja de alguém, demonstrada pelo olhar ou não, pode vir a causar a piora do alvo ou da sua sorte. Para tanto, em todas as culturas em diversos tempos da história, foram criados amuletos, bênçãos e rezas contra o mau olhado.

Através de Machado (2007) podemos entender a cultura popular como uma das maneiras possíveis de representação que pessoas, classes ou segmentos sociais utilizam para expressar suas experiências e vivências. As formas de expressão popular estão impregnadas por misticismos, pelas formas de sobrevivências e por toda sua luta, assim refletindo situações concretas e práticas de um mundo real, as quais foram construídas ligadas diretamente ao cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos.

Consideramos aquilo que Laplantine e Rabeyron (1989) afirmam, quando mostram que a medicina popular pode estar ligada às práticas de prevenção e de cura, fundamentadas numa visão do ser humano e do cosmos que estes autores classificam antropológicamente de mágica. Já Oliveira (1985) nos permite ampliar a discussão, quando descreve a imagem da benzedeira como sendo, em sua maioria, uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que domina as rezas e ervas e faz massagens, cataplasma e chás. Desta forma Oliveira ainda destaca o fato de essas mulheres serem consideradas, por aqueles que buscam alívios para suas doenças, como cientista popular, misturando o mundo místico, religioso e os conhecimentos curativos das plantas.

Chartier (1992), um nome fundamental no campo dos estudos culturais, afirma que objetos culturais são, na prática, usados ou apropriados por diferentes grupos sociais, sejam eles nobres, clérigos, artesãos, trabalhadores rurais ou urbanos, para suas próprias finalidades. De certo modo, pode-se dizer, então, que as práticas culturais, as crenças, os saberes e as vivências religiosas superam as fronteiras sociais e inviabilizam qualquer dicotomia ou dualismo, ou seja, não há como separar as práticas culturais das práticas religiosas.

Sabendo dessa visão de Chartier, podemos destacar no que tange o aspecto religioso, sendo a maior parte das benzedeiras católicas, sempre muito religiosas e, embora nem sempre frequentem igrejas, guardam consigo as representações que a religião propicia, lançando mão dos símbolos e códigos que permeiam o ato de benzer e curar.

O termo religiosidade (na maioria das vezes sendo utilizado como sinônimo de espiritualidade – equivocadamente), segundo Dalgarrondo (2008), vai muito além ao conceito de religião, e diz de um compromisso com a doutrina religiosa, envolve práticas institucionais – como oração, leitura do livro sagrado, danças, cantos etc.-, a frequência e participação nos rituais da religião e um engajamento

com o sistema de dogmas das organizações religiosas que o sujeito possa vir a frequentar.

As práticas de benzedura, vistas como uma vertente de medicina popular é de início, uma medicina tradicional, o que não representa imutabilidade, e seu modo de transmissão são orais e gestuais, através do ‘ouvir-falar’ e ‘ver-fazer’, que se dá por meio da família ou vizinhança (OLIVEIRA, 1983). Esses conhecimentos enraizados entre as benzedoras e suas práticas fazem parte de um tipo de patrimônio histórico e de uma memória, os quais as permitem conduzir seu ofício adiante, baseando-se em seus fundamentos para continuar resistindo.

Segundo o Decreto Lei n.º 25 de 1937, Art. 1.º, “Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.” De acordo com a *Constituição Federal do Brasil* (1988), os patrimônios são os modos de expressão, formas de criar, criações científicas e tecnológicas, obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas ou culturais, além de conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico. A Constituição Federal de 1988, em seus Artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Nesse contexto, Pinsk (2008) afirma que a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento da unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. Pelo fato de a memória ser mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, suscetíveis de estudados por meio de entrevistas de História oral.

Para que possamos compreender um determinado grupo, uma comunidade, uma nação ou até mesmo a sociedade como um todo, devemos dar a devida importância para as disputas em torno das suas memórias que prevalecerão.

Pollak (1992), com seu pensamento nessa mesma linha, reflete sobre a memória no sentido não só do que ocorreu no passado, mas no tempo presente e em seus conflitos. Por fim, Burke (2002) que encerra nossa discussão, afirma ainda, que existe muito a ser pesquisado pelos historiadores baseados na

participação histórica das mulheres, que se sentem e se apresentam como esquecidas. Deixadas de lado por muito tempo na trajetória da construção da historiografia, elas têm muito a relatar para compensar o longo período de esquecimento e desprezo.

5 CONSIDERAÇÕES finais

Uma benzedeira existe porque existe uma história a ser contada, e ela é o sujeito desta história; este sujeito possui memórias que trazem à tona um passado de repressão, de medo, e que muitas vezes se repete no presente, sob a forma de preconceitos, discriminações e estereótipos.

As benzedeadas, tal qual conhecemos hoje, sofreram um processo de negatização e preconceito que se fez mais presente a partir dos séculos XII e XIII, com as Inquisições pregadas pela Igreja, que alegavam serem elas bruxas, portadoras de ofícios diabólicos, perigosas, hereges, produtoras de remédios, ervas que afetavam a mente dos homens, dentre tantas outras acusações, ocasionando assim a muitas delas serem queimadas vivas para que servissem de exemplo às demais pessoas que pensavam em bater de frente com os dogmas da Igreja.

60

Mesmo depois de séculos do fim da Inquisição, as benzedeadas ainda são tratadas como se estivessem ligadas aos males da sociedade, como se nada representassem. Em pleno século XXI, ainda permanece a marginalização deste ofício tradicional de cura, que em meio a tanta repressão continua encontrando forças para resistir e preservar a sua cultura.

Dentro desta perspectiva, nos deparamos também com a análise das relações existentes entre história, memória, benzimentos e a questão do sagrado simbólico e do material. Mesmo enfatizando aqui a memória das benzedeadas como fator primordial para sua autoafirmação, faz-se necessário que tenhamos compreensão sobre estas relações no âmbito da construção de sua identidade.

Para entendermos melhor as questões que levantamos anteriormente, é preciso estabelecer alguns fatores de identificação de uma benzedeadas, isto é, quem são estas mulheres:

- Antes de tudo, as benzedeadas são mulheres simples, normalmente sem muito estudo, que vivem em lugares periféricos e marginais da sociedade;

- Depois, que são em sua grande maioria senhoras já com idade bastante avançada;
- Que não cobram absolutamente nenhum tipo de remuneração pela realização de seu ofício;
- Possuem um conhecimento adquirido tradicionalmente, isto é, repassado ao longo das gerações;
- São conhecedoras de uma infinidade de plantas medicinais, ervas, chás, tinturas e pomadas, o que faz com que suas práticas sejam vinculadas a uma medicina alternativa, ou medicina popular, como é mais conhecido.

Assim, podemos entender que as memórias, vividas e lembradas constantemente por estas mulheres, se associam a uma série de outros fatores, como estes que acabamos de citar e que fazem parte de sua autoafirmação e identificação como tais.

As benzedeadas, diferentemente do que se costuma pensar, estão ligadas através da memória, a uma série de conhecimentos, que caracterizam a sua importância como grupo social e como povo constituinte desta nossa nação.

Levando em conta todas as observações relativas à questão da história, das memórias e das benzedeadas e relacionadas também à questão do sagrado e do simbólico que estão presentes em suas falas, em suas histórias e em seu ofício, podemos entender que existe aí um vínculo e uma interdependência entre estes fatores.

Estas memórias, que traduzem em acontecimentos toda a existência das benzedeadas, sua cultura, sua tradição, as fazem lembrar diariamente porque estão neste mundo, qual a sua missão, e também as remetem a um passado repressor ao qual foram submetidas as suas “companheiras”, como elas mesmas dizem; as remetem às histórias que aprenderam sobre seus santos de devoção, sobre o folclore de sua cultura, os mitos, as lendas.

Podemos perceber que a memória tem tanto vínculo às benzedeadas quanto a sua própria cultura, que passa a se fazer presente a partir destas memórias. Porém, da mesma maneira que trabalhar com história, trabalhar com as memórias dos sujeitos não é tarefa fácil.

Primeiramente porque estas memórias estão sujeitas a manipulações, a variações; hoje elas tomam uma forma, mas amanhã, tomam outra. As memórias são passíveis de mutações assim como o tempo. Conforme o tempo passa, muitas

destas memórias vão ficando cada vez mais opacas e, embora elas sejam de vital importância para analisarmos a cultura das benzedeadas elas vão se extinguindo cada vez com mais facilidade.

Como podemos perceber, a memória, a qual nós tanto enfatizamos, tem um papel crucial na definição destas mulheres, que são por tradição benzedeadas e trazem consigo o lema de continuar esta tradição. Mas esta apenas prosseguirá diante do reconhecimento social destas mulheres, o que ocorre não apenas pelas leis que as protegem, mas também pelas suas memórias, que as fazem lembrar-se de suas vivências, do que aprenderam, de como aprenderam seus ofícios, sua tradição.

Em um país onde o esquecimento e a perda da memória acontecem simultaneamente ao empobrecimento da sociedade e à decadência do legado patrimonial edificado e imaterial, as soluções que se apresentam como casos de sucesso na recuperação do patrimônio confirmam que vale a pena preservar.

Cabe aos pesquisadores e ao historiador mostrarem diferentes maneiras de ver situações do nosso cotidiano e acontecimentos do passado, lembrando que tal ofício requer humildade de coração e a abertura da mente, indispensáveis para que possamos compreender a História, a qual tem como uma de suas principais funções mostrar a trajetória da humanidade, não deixando valores, tradições e crenças se perderem com o tempo.

É nesse contexto que a importância de valorizar e manter vivas as práticas de benzeduras e as benzedeadas como patrimônio imaterial da sociedade se enquadram.

A partir do momento em que amadurecemos nosso pensamento, passamos a entender o valor dos bens culturais de um povo, tendo em mente o que define e fundamenta a vida de uma sociedade quanto às suas características, seus costumes, seus comportamentos, e como podemos registrar e preservar esses elementos para seus sucessores, especialmente em formato de memória e identidade histórica, sendo definido como patrimônio social.

O Patrimônio Histórico Imaterial faz parte da identidade de uma sociedade, suas características, seus costumes, seu comportamento. Sendo assim um registro fundamental para seus sucessores, para que percebam a importância da preservação do Patrimônio Histórico e da Memória, em especial da memória

coletiva e individual na formação de uma sociedade e como a preservação influencia diretamente em uma reinterpretação sobre novos olhares históricos.

As mulheres merecem respeito e total valorização, pois independente de qual a área que estão atuando, elas sempre foram peça fundamental, dando leveza, amor e muito empenho em tudo o que fazem.

Entre idas e vindas e uma rotina cansativa, as mulheres aos poucos vão ocupando um espaço maior e mostrando ainda mais a sua importância para cada área em que atuam. Durante séculos, as mulheres estavam fadadas apenas aos cuidados do lar e a “obrigação” de gerar filhos, as inúmeras lutas feministas foram fundamentais para novas conquistas, as quais disponibilizaram as mulheres atuação em novos setores, quebrando paradigmas e tendo cada vez mais a esperança de tempos melhores, tanto para si quanto para as futuras gerações.

Estas memórias se mostram um fator de identificação, nas quais as mulheres benzedoras se apoiam não apenas para lembrar-se de suas histórias antigas e suas vivências, mas também como critério para que elas possam se auto definir, isto é, como uma disposição para representarem a sua função na sociedade a qual estão inseridas.

Faz-se necessário que a população e os governantes dos estados e municípios tomem consciência sobre a importância que o patrimônio imaterial e oral tem para a valorização da cultura da sua população e para a formação do seu território. Além disso, cabe aos diversos setores da sociedade zelar pela valorização de sua cultura, em especial de suas benzedoras locais, as quais têm grande importância social e cultural, desta forma cobrando iniciativas dos gestores municipais e estaduais e também dos agentes públicos.

REFERENCES

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: 4. ed. Saraiva, 1990.

BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. *O Mundo Como Representação*. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. São Paulo: Revista das Revistas-Estudos Avançados. vol.5. 1992. p. 173-191.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental: do coletivo ao individual, do fenômeno sociocultural à experiência psicopatológica*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEBERT, Guita G. *Problemas relativos à utilização de história de vida e história oral*. São Paulo: Saraiva, 1986.

FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. São Paulo: Editora Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000. 2ª Edição.

GOMES, T. P. de S.; WHITAKER, D. C. A.; FERRANTE, V. L. S. B. *Entre canteiros e ervas: um estudo da produção de ervas medicinais a partir de indicação do interesse do SUS- Sistema Único de Saúde*. Brasil: ReBraM - Revista Brasileira Multidisciplinar, vol.23. 2020. p. 48-61.

HEBERLÊ, Mariluz O. *Um estudo da concepção dos profissionais de saúde sobre as práticas integrativas e complementares em saúde*. Santa Maria: UFSM, 2013.

LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. L. *Medicinas paralelas*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. [et. Al.]. 4ª edição. Campinas: UNICAMP, 1996.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995

MACHADO. Maria Clara Tomaz. *Ainda se benze em Minas Gerais*. In: Associação Nacional de História ANPUH. Brasil: XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense; 1985.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla B. (org). *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2008.

PINSKY, Carla B. "A era dos modelos rígidos." In: PINSKY, Carla Bassanesi. PEDRO, Joana M. (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Carla B. Apresentação In: PERROT, Michelle (Org.). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: UFPR, 1992.

POSEY, Darrel. A. *Etnobiologia - teoria e prática: Suma etnobiológica Brasileira, Etnobiologia*. Petrópolis: YUMPU. 1977.

PRIORE, Maria Del. *Histórias íntimas sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

SANTOS, Cláudia da Silva. *Rezadeiras: guardiãs da memória*. Bahia: V ENECULT, 2009.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THOMPSON, Edward. Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Artigo recebido em 26 de julho de 2021

Artigo Aprovado em: 02 de dezembro de 2021